

B. KUCINSKI

# Pretérito imperfeito



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Bernardo Kucinski

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustração de capa*

Enio Squeff

*Preparação*

Andressa Bezerra Corrêa

*Revisão*

Clara Diamant

Valquíria Della Pozza

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kucinski, B.

Pretérito imperfeito / B. Kucinski. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-3017-7

1. Ficção brasileira I. Título.

17-08182

CDD-869.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Le temps d'apprendre à vivre il est déjà trop tard*  
[Quando se aprende a viver, é tarde demais]

Louis Aragon, *Poèmes*

*All sorrows can be borne if you put them into  
a story or tell a story about them*

[Todas as dores podem ser suportadas se você  
as puser numa história ou contar uma história  
sobre elas]

Isak Dinesen, entrevista,  
*The New York Times Book Review*

# 1.

Começo pelo fim. Pela carta. Escrevi à mão, cada palavra sopesada. Despachei à antiga, para ser entregue por carteiro que bate à porta, como se deve. Registrei, para me assegurar da entrega. Todavia, sem remetente. Carta para não ser respondida.

Não vou repetir por inteiro o que escrevi. Não é coisa bonita de se dizer, nada de que se orgulhar. Escrevi porque era preciso. Sempre houve o pai que expulsou de casa o filho. Deus baniu o homem do paraíso e o homem era Seu filho, por Ele criado à sua semelhança, e o paraíso era Sua morada. Mito fundador, o paraíso para sempre perdido. Expulsou ao primeiro pecado.

Eu deixei passar pecados sem conta. Levei tempo para chegar à carta. Foram trinta anos de aprendizado. O pai aprendendo do filho. Lições sempre mais penosas. Até que, cansado de me alarmar a cada tinir do telefone, cansado de reaver esperanças para em seguida perdê-las, optei por perder de vez a ele, ainda que filho único. Expulsei por exaustão.

Minha carta é uma rejeição amena, como a dos japoneses que põem uma mochila às costas do filho imprestável e, sem intento de punir, ordenam que corra o mundo. Torna-se um andarilho e por onde passa lhe dão algo de comer. Também eu não tive intenção de punir. Tampouco o expulsei propriamente da casa. Ele se encontrava distante havia mais de dez anos, do outro lado do oceano. Partira, isso sim, às carreiras, na esperança de que em outras terras abandonaria a busca insana de um paraíso artificial. Não se tratava de excluí-lo do convívio, e sim de dentro de mim. Só o consegui racionalizando. Daí a ideia da carta. Destituí-lo de meus afetos por escrito, sem vociferar, argumentando. Carta solene. Uma epístola.

Disse a ele que nunca lhe impingimos um futuro, como fazem certos pais, embora de nossas palavras e gestos possa ter inferido esse ou aquele caminho, como é inevitável na infância. Desejávamos apenas que possuísse qualidades. Não pequenas virtudes próprias do temperamento, como prudência ou modéstia, ou atributos inatos, como inteligência ou destreza, e sim valores que têm a ver com consciência e vontade, próprios do homem e apenas dele. Valores morais que ajudam a distinguir o correto do errado em cada circunstância e a agir conforme. Enfim, que fosse um homem de caráter.

Expliquei que nossos antepassados, não obstante de origens tão diversas, foram pessoas honradas. Houve vezes, escrevi na carta, em que se calaram, porque o que tinham para dizer não podia ser dito, mas não mentiam. Houve vezes em que choraram, mas nunca lágrimas fúteis. Por vezes, não foram fortes o suficiente, contudo não cometeram vilanias. Nem sempre tiveram o bastante para aplacar a fome, mas jamais negaram um lugar à mesa ao indigente que batia à porta.

Em nossa família, escrevi, jamais faltamos a uma promessa, ou deixamos de saldar uma dívida ou de cumprir uma obrigação. Em nossa família, nem nas horas mais amargas jogamos a culpa no outro. Principalmente, em nossa família não se rouba, não se trai o amigo nem se bate na mulher. Tudo isso que tu fizeste, eu lhe disse, e que entre os nossos não se faz.

Em seguida, escrevi: há anos te excluístes de nossa família; há anos vens cometendo indignidades, não uma vez, nem duas; e não por descuido. Foste preso e condenado. Eu também fui preso e tive que me exilar; e antes de mim, meu pai, mas não por motivos torpes — por nos opormos à tirania. E concluí: eu é que na minha ingenuidade não me dava conta e me atormentava à toa com um filho que já não era meu filho, porque não tinha comigo nada em comum.

Carta patética? Talvez. Mas que me restava fazer? Percebi, de súbito, que me tornara um velho. E me sobreveio a consciência do tempo-limite. A carta é de uma alforria que tardava. A minha alforria.

## 2.

*Não me identifico em nada com essa carta, com esse rancor todo, essa amargura; ao contrário, quando fecho os olhos e penso nele, o que vejo é uma criança doce, amorosa. Vou contar uma coisa que você não sabe, porque era eu que o pegava na saída da creche. Assim que me via, ficava eufórico, corria na minha direção e ao chegar perto de mim se punha a dançar em torno dele mesmo. Eu olhava as outras crianças com suas mães e suas avós: via algumas alegres, outras emburradas; e nele eu só via contentamento, júbilo, mais do que isso, era um rito de celebração. Festejava a minha chegada, a chegada da mãe. Não é bonito? E que alegria de viver... Desde pequeno, antes mesmo de poder andar, era aquela felicidade nos olhos. Acordava brincando, um toco de pau era um carrinho, a pedrinha na ponta do barbante era um avião. Logo queria ir à escola, ele é que me chamava: mãe, não está na hora da escola? Queria ser o primeiro a chegar. Curtia a casa, curtia a escola, curtia cada segundo, e sem pressa, sem afobação; eu ficava intrigada, porque ele tinha ao mesmo tempo a vivacidade de*

*uma criança e a serenidade de um velho, de um sábio. Não é interessante? É porque era um menino resolvido. E a força de vontade dele! A determinação! Lembro do dia em que atirou longe a mamadeira e nunca mais quis saber dela. E a primeira vez que ficou de pé? Ainda tinha gesso nas duas perninhas. Agarrou a grade do berço, deu um urro como se fosse um samurai e se soergueu, de um golpe só. Sempre foi assim, determinado. E você se lembra como ele sentava para comer? Parecia um lorde. Isso também me impressionava muito, desde pequeno usando garfo e faca, sem apoiar os cotovelos na mesa. E não foi de você que ele aprendeu. E que apetite! Comia de tudo, não tinha manha de “isso não gosto, isso não quero”. Aliás, era raro ele reclamar. E os amigos? Você se lembra como ele fazia amigos? Onde quer que fosse, fazia um amigo. Era um encanto de menino. Até a adolescência jamais o vi emburrado ou triste. Mesmo depois que começaram os problemas. É assim que me lembro dele, amoroso e sempre de bem com a vida. As coisas aconteceram como aconteceram, mas ele não é de modo algum esse mau-caráter que a sua carta dá a entender, nunca foi. Muito menos um psicopata. Eu não teria escrito uma carta dessas; não digo que seja injusta, cada um elabora a seu modo — eu elaboro reconhecendo o quanto ele me deu, não o quanto tirou.*



### 3.

1979 foi um ano memorável. O xá da Pérsia fora derrubado em janeiro; e o ditador Somoza da Nicarágua, em julho. No Brasil, a ditadura agonizava. Em setembro, exibi meu curta-metragem sobre a cabanagem num ciclo de cinema documentário em Nova York. Seguiu-se um seminário sobre cinema e revolução, em que conheci o druso Abou al-Walid, célebre por suas filmagens do conflito palestino em que a câmera participa da ação e a lente é o olhar do manifestante.

O rosto quadrado de Abou, de nariz reto e sobrancelhas espessas, lembrava o de meu avô libanês, com quem eu passava férias em Manaus. Descobrimos que tínhamos ideias parecidas, não só sobre cinema. E mesma idade. Nos demos tão bem que definimos ali mesmo o argumento de um documentário sobre a diáspora palestina no Brasil. O camponês palestino, explicou-me Abou, é tão entranhado em seu quinhão de terra quanto as centenárias oliveiras que lhe dão sustento e

atravessam gerações como membros da família. O exílio para ele, mais que estar longe de uma pátria abstrata, é a nostalgia do espaço ancestral e das aldeias no entorno, também territórios de sua infância, por isso duplamente dolorida. Eu filmaria no Brasil e Abou, nos povoados árabes de Israel — onde mora — e na Cisjordânia.

Assim que terminasse o seminário de Nova York, eu iria documentar o triunfo sandinista na Nicarágua. Esse era o meu programa. Quinze dias fora do Brasil. Pensava na Nicarágua e assistia com Abou ao *Cravos de abril*, de Ricardo Costa, quando alguém me toca nos ombros e sussurra: ligação do Brasil. Minha mulher não telefonaria por ninharias. Penso num acidente. Sempre imagino o pior. Assim que atendo, ela diz: surgiu um bebê, o que você acha? Penso: logo agora! Ela diz: tenho que decidir hoje. Sinto pelo fervor da voz que ela quer, que telefonou para ganhar coragem. Pergunto: menino ou menina? Menino, gorduchinho. Deduzo que já viu o bebê, já se engraçou, já o trouxe ao regaço. Digo que sim, tudo bem. Pergunto: você dá conta até eu voltar? Ela diz sim, não se preocupe.

Ainda não havia voos diretos para a Nicarágua. Mas eu estava empolgado pela revolução sandinista e absolutamente determinado a chegar a Manágua. Planejei um documentário em dez partes, um novo *Dez dias que abalaram o mundo*. Filmagem direta, no calor da hora, câmera nos ombros, como Abou, uma sequência por dia. Consegui chegar a Tegucigalpa, capital de Honduras, de onde partiam os primeiros voos para Manágua após semanas de interrupção. Ali mesmo filmei a primeira cena, ao marcar a passagem. O diálogo, curto e emblemático, inspira-se no antológico *A esperança* de Malraux. Ao soletrar o

S, digo: *S de Sandino! No de Somoza, un hijo de puta... de Sandino, querida*. Eu estava inspirado.

Manágua lembrava uma superfície lunar, devastada pelo terremoto de cinco anos antes e pela guerra civil. Aqui e ali restava o palacete de alguma família abastada que fugira para Miami. Não foi fácil filmar o suficiente para montar uma sequência por dia. Trabalhava freneticamente, desde as primeiras horas da manhã, até sumir o último raio de sol. Depois, mergulhava no roteiro e no mapa das locações para a filmagem do dia seguinte. Esqueci completamente que acabara de me tornar pai, que adotara um bebê.

## 4.

O que sabíamos sobre adoção? Nada. Absolutamente nada. Passada quase uma vida, quando o feito não pode ser desfeito, pus-me a estudar. Hoje, sei alguma coisa. Pouca coisa. Noções pescadas num oceano de problemas. Tomei um susto.

O senso comum vê adoção como ato de caridade. Quanta ilusão! Adota-se quase sempre para ter uma família, não para dar uma família à criança. É o miserável desamparo nosso que nos move, não o desamparo maior da criança. Adota-se para fugir a um luto, para compensar uma perda, para salvar um casamento, ou por uma combinação desses motivos.

Há quem adote tão somente para assegurar amparo na velhice. Mesmo a adoção de filhos de criação, devido à morte ou insuficiência de um parente ou vizinho, pode esconder razões interesseiras. Seja que motivo for, adoção é posse, aquisição. Na adoção à brasileira, às vezes até se paga, a pretexto de ressarcir despesas de parto. Na adoção em orfanato, casais es-

colhem aquele que lhes parece mais bonito, como quem escolhe a cor do carro. Até recentemente, podia-se registrar filho adotado igual se registra propriedade: por escritura pública.

Assim é em toda parte, aprendi com o estudioso da adoção Eduardo Sá. Assim sempre foi. Desde tempos imemoriais. Na antiguidade a adoção visava assegurar ao casal sem filhos o rito essencial da veneração de suas almas. É em si que pensavam, em suas vidas depois da morte, não no infortúnio da criança. Com o catolicismo veio a adoção para preservar patrimônio, pois a Igreja se apossava das propriedades sem herdeiros. Por isso, opunha-se à adoção e vendia como escravas as crianças a ela entregues ou as punha a serviço dos padres.

Com o psicanalista francês Michel Soulé, descobri a *ferida narcísica*, um móvel da adoção enterrado fundo no nosso inconsciente. A ferida narcísica é a incapacidade de conceber que nos humilha, associada no homem à impotência sexual e na mulher ao ancestral estigma da esterilidade. E que nos inferioriza, homem e mulher por igual, ao fazer desmoronar um projeto de família. Soulé fala do impacto traumático do diagnóstico da infertilidade.

E os riscos da adoção? Que sabíamos dos riscos? Igualmente nada! Nem nos preocupamos em perguntar a quem havia adotado, ou a pesquisar nos livros. Como compor com o filho adotado a narrativa da adoção? Que significados teria para ele a expressão estigmatizada “filho adotivo”? Como inscrevê-lo numa genealogia? Num psiquismo de família? E como tudo isso afetaria nosso próprio psiquismo?

Nenhuma dessas questões sequer nos passou pela cabeça. Hoje sei, pelo francês Pierre Lévy, que toda adoção é temerária. Vocês foram corajosos, diziam os amigos. Outro equívoco!

Se não sabíamos dos riscos nem de nada, não fomos corajosos, fomos levianos, isso sim. Irresponsáveis.

O anseio por filhos pode ter raízes profundas, ainda na primeira infância, quando brincamos de casinha, buscando em nós próprios a representação do pai e da mãe. Na vida adulta transforma-se na busca de uma eternidade possível, através das semelhanças fisionômicas, que reforçamos dando aos filhos os nomes de família. Nós não tínhamos então a menor ideia dessas razões todas, exceto um vago desejo de completude. Um filho para nos completar.

## 5.

*Essa purulência nos olhos não me agrada nada. Deite-o de costas. Isso... Desenrole devagar, bem devagar, quero ver o umbigo. Hum... Como imaginei... Também solta pus e não é infecção de coto, vem de dentro, como nos olhos... Isso não é nada bom... A senhora sabe quem são os pais? Perguntei, porque pode ser sífilis, é muito comum em bebês deixados para adoção: sífilis dormente, transmitida pela placenta. Vamos ver as perninhas dele. Desenrole tudo... Mais... Mais... Até o fim. Hum... Tíbias arqueadas. Chamamos isso de tibia vara. Acontece bastante, mas nunca vi um caso tão severo. Nem tão simétrico, isso sim é grave. Simetria indica causa orgânica, possivelmente raquitismo. Se for raquitismo, explica-se também a purulência nos olhos e no umbigo. Nesse caso não é sífilis, embora essas patologias muitas vezes venham juntas. Muita miséria, minha senhora... Muita miséria e muita ignorância. Falta de cuidados básicos de higiene, falta de conhecimento. Melhor que seja raquitismo e não sífilis, porque na idade adulta a sífilis dormente pode levar à demência... Bem,*

isso raramente, muito raramente. O mais comum são manchas na pele e queda dos cabelos. Se for raquitismo? Depende da severidade. Em geral a criança fica com estatura menor. A causa? Em linguagem simples, é a fome. A mãe desse bebê pode ter passado fome, o que compromete o desenvolvimento do feto. Os ossos ficam porosos e se quebram facilmente. O arqueamento, como disse, é severo. Mesmo não sendo desnutrição grave, do tipo proteico-calórica, a senhora vai ter que engessar essas tíbias por um bom tempo. Quanto tempo? Só um ortopedista poderá dizer, creio que dois a três meses, depois vai ter que usar algum aparelho ortopédico até endireitar. O que é desnutrição proteico-calórica? É quando a falta de nutrientes é tanta que o organismo se alimenta de seus próprios tecidos, consome os músculos e com isso o corpo todo se atrofia. A partir daí não tem jeito, não adianta dar mais comida, porque a criança perde a capacidade de absorver; além disso, fica sem certos anticorpos e tem diarreias. Pode até causar retardo mental. Chamamos isso de marasmo... É aquela criança com olhar perdido que mal se mexe... Isso mesmo, a senhora acertou, igual aos bebês de Biafra, só que lá é por interrupção da amamentação antes do tempo — quando nasce a outra criança e a mãe larga a que nasceu antes. Como esse acabou de nascer, não é o caso. Faltou nutriente na barriga da mãe. E faltou demais, porque a natureza assegura a nutrição do feto, mesmo a mãe passando fome. Desconfio que a mãe precisou esconder a gravidez. Se é marasmo? Só se pode saber com exames de sangue e radiografias dos ossos. Uma trabalhadeira. Vou dizer uma coisa à senhora: metade dos bebês com marasmo não passa de uma ou duas semanas. E, dos que sobrevivem, muitos nunca serão crianças saudáveis. Meu conselho? Devolva! Devolva já, minha senhora, vá correndo e devolva, antes que se afeiçoe.



## 6.

O quintal se transformou num mar de bandeirinhas brancas. Fraldas, fraldas, fraldas. Tivemos que esticar varais sem fim para dar conta de tanta fralda. Um bebê diarreico. E alérgico às fraldas descartáveis. O plástico deixava sua epiderme em brasas. Tinham que ser fraldas de pano de algodão, macio. A mãe escolhia, zelosa, o tecido de algodão de textura mais delicada, recortava-o em cueiros retangulares de sessenta centímetros de lado e os enxaguava para amaciá-los ainda mais.

E como defecava! Montes de excremento pastoso e nauseabundo. Seu organismo absorvia mal os nutrientes, o que o levava a comer muito e excretar igualmente muito. Sequela do raquitismo, essa era a explicação. No jardim de infância, o apetite com que se fartava causava espanto. Repetia o prato e, de volta à casa, comia de novo. Era como se quisesse se ressarcir dos nove meses de uma gestação famélica.

Em pouco tempo, a mãe desenvolveu um método para se

livrar de tanto excremento. De nariz tapado, mergulhava o cueiro na bacia da privada segurando por uma ponta e puxava a descarga. Em seguida deixava de molho por dois dias numa tina com sabão de coco. Só então os lavava, um a um, e pendurava no varal para quilar. Para limpar sua bundinha, tinha sempre à mão retalhos de algodão e uma garrafa térmica de dois litros com água quente. Assim foi até os seus dois anos. Porém, com um ano e meio já não deixava que trocassem sua fralda à vista de outros. Desde muito cedo mostrou-se pudico.